

A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?

Laura Astrolabio dos Santos

Advogada, mestranda de políticas públicas em direitos humanos no PPDH-UFRJ
lauraastrolabio@gmail.com

Resumo

O problema central tratado no presente ensaio é a pandemia da Covid-19 no Brasil e sua relação com o neoliberalismo, com o neofascismo e o genocídio. O objetivo é demonstrar de que forma o Estado brasileiro intensificou a necropolítica no país. A formulação das hipóteses se baseia nas notícias, dados e revisão bibliográfica crítica.

Palavras-Chave: Pandemia; Necropolítica; Covid-19; Genocídio.

Introdução

O presente ensaio tem como objeto a pandemia e seus desdobramentos no cenário político brasileiro que é neoliberal e atua com a política de morte com objetivo de conter as crises do capital. Por esse motivo, a questão relativa aos idosos no Brasil e a forma como foram negligenciados durante a pandemia é abordada logo no início.

A forma como a base da pirâmide social reagiu diante da barbárie gerada pela intensificação da fome e do desemprego resta abordada através da observação dos movimentos de mulheres negras e dos movimentos de favelas.

Diante do cenário de distopia em que o país se encontra, a situação da população carcerária também foi analisada frente a naturalização da barbárie no país que foi fundado em tradição autoritária e naturalização da desumanização de corpos negros.

Ao final, o presente ensaio traz os conceitos de neoliberalismo, fascismo e como esses temas dialogam com o genocídio em curso no Brasil, que é uma das hipóteses apresentadas no trabalho.

A abordagem exposta no presente ensaio se justifica pela urgência do debate a respeito da instrumentalização do Coronavírus na intensificação da política de morte em

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

curso no Estado brasileiro, principalmente para o fim de possíveis denúncias dos respectivos responsáveis pelo genocídio que é um crime contra a humanidade.

A escolha de Sofia

A pandemia pela qual o mundo está passando não é a primeira, já vivenciamos a Peste de Justiniano, a Peste “Negra”, a Gripe Russa, a Gripe Espanhola e a Gripe Suína. A Gripe Espanhola é considerada a mãe das pandemias. Ela foi “provocada pelo vírus influenza do tipo AH1N1, que contaminou mais de 500 milhões de pessoas e provocou entre 17 e 50 milhões de mortes” (2020, p. 94).

Analisando o que tem sido dito por cientistas a respeito do Coronavírus, não será a última pandemia que a humanidade enfrentará. No Brasil, por exemplo, já foi detectada uma nova variante da Covid-19, a cepa P.1 da SARS-CoV-2, chamada vulgarmente de “cepa brasileira”. De acordo com pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, ela pode ter uma carga viral dez vezes mais elevada:

não varia entre homens idosos e adultos de outras idades. Também não houve diferença na carga viral de homens e mulheres, por isso ela pode ser igualmente transmissível por qualquer pessoa acima de 18 anos. E isso é diferente do que acontece com as outras cepas, em que os homens idosos têm uma carga viral mais alta (AGÊNCIA BRASIL, 2021).

Ao que parece, não retornaremos para o que já não era normal e o “novo normal”, conforme nos alerta Zizek (2020), precisará ser reconstruído do que restar de nossas vidas antigas para não nos aprofundarmos numa barbárie já em curso. O autor nos alerta, ainda, que estamos todos no mesmo barco agora e cita a frase “Talvez tenhamos chegado em embarcações diferentes, mas agora estamos todos no mesmo barco”, de Martin Luther King, para enfatizar que se não tomarmos consciência a respeito disso, em breve “poderemos muito bem acabar todos em um barco chamado Diamond Princess” (2020, p. 33).

Ao falarmos de barbárie na pandemia pela Covid-19, é importante lembrar o que a comunidade médica convencionou chamar de “a escolha de Sofia” para justificar a escolha de algumas vidas em detrimento de outras, pelo critério idade, em um cenário de colapso no sistema de saúde. Assim que se começou a noticiar que não haveria leitos suficientes para todos e todas, as pessoas idosas tiveram sua humanidade relativizada

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

pela tese “a escolha de Sofia”. Isso, diga-se de passagem, está em total desacordo com a legislação brasileira, que tem em seu ordenamento jurídico uma série de prioridades asseguradas para as pessoas idosas.

Essa expressão que se refere a um procedimento médico macabro, foi inspirada no filme *Sophie’s Choice* (WIKIPEDIA, 2010), de 1982, que é sobre o drama vivenciado pela personagem Sophia. Presa em um campo de concentração na Segunda Guerra Mundial, ela é obrigada a escolher entre um de seus filhos, sob pena de ambos morrerem submetidos a câmara de gás, sufocados tal como as vítimas fatais da Covid-19.

A Constituição Federal de 1988 dispõe que a vida é um bem inalienável e o Código Penal Brasileiro prevê o crime de homicídio culposo por negligência, imprudência ou imperícia. Os profissionais da saúde não possuem autorização legal para utilizar a tese “escolha de Sofia”, uma vez que não são detentores do direito de escolher quem pode viver e quem deve ser abandonado para morrer sem ar.

Importante dizer que o Código de Ética Médica no Brasil prevê o direito de autonomia de pacientes que estão fora das possibilidades terapêuticas de cura serem submetidos, caso queiram, a uma morte sem sofrimento. Porém, isto se aplica apenas aos casos em que estes pacientes confirmarem que querem este destino. Pessoas infectadas pela Covid-19 querem sobreviver e têm esse direito.

Assim, o Estatuto do Idoso não está sendo observado em um contexto de prática da “escolha de Sofia”. Definitivamente, não é o caso de excludente de ilicitude, já que todas as vidas possuem o mesmo valor, não podendo “a escolha de Sofia” se enquadrar no que prevê o estado de necessidade.

Além disso, não existe determinação pelas autoridades de saúde possibilitando esse procedimento por profissionais da saúde. Podemos, então, dizer que tal prática é ilegal, criminosa e, sobretudo, fere o direito humano à vida e à dignidade.

É dever do Estado garantir leitos e oxigênio para todos e todas. O contrário disto, num cenário de pandemia em que o presidente da República cometeu negligências na administração de uma crise sanitária grave, relativizando a doença e declarando-a

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

como uma “gripezinha”, manifestando-se contra a prática do lockdown e instruindo a população brasileira a fazer uso de uma medicação comprovadamente ineficaz, é genocídio (UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM).

É uma hipótese que tais atitudes do presidente da República estejam relacionadas ao que Freud convencionou chamar de “pulsão de morte”. Vejamos o que Ferrareze Filho nos ensina a respeito:

No entanto, muito antes de significar uma naturalização psíquica da violência e da agressividade, a pulsão e morte se mostra a partir das compulsões repetitivas de um sujeito, ou seja, a partir de seus sintomas. O sintoma nada mais é do que a compulsão à repetição que se dá por conta dos conteúdos recalçados que teimam em retornar do inconsciente (2021, p.32).

Ao tratarmos aqui da “escolha de Sofia”, importante voltarmos a Zizek, que diz

Sacrificar os mais fracos e os mais idosos? Essa situação não abriria um espaço imenso para a corrupção? Não poderíamos dizer que procedimentos como esse indicam que estamos nos preparando para decretar a mais brutal lógica da sobrevivência do mais apto? Então, mais uma vez, a escolha em última instância é entre isso e alguma forma de comunismo reinventado (2020, p. 60).

Tratando da relativização da humanidade de pessoas idosas, é possível afirmar que estamos todos e todas no mesmo barco diante da barbárie intensificada pela pandemia?

A reação da base da pirâmide diante da COVID-19

Em 2020, o movimento Mulheres Negras Decidem realizou uma pesquisa (INSTITUTO MARIELLE FRANCO; MULHERES NEGRAS DECIDEM, 2020) entrevistando 252 mulheres negras ativistas. Todas as regiões do Brasil foram contempladas pela pesquisa, onde Rio de Janeiro, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco foram os Estados de onde mais participantes responderam os 252 formulários. Desses, 245 foram validados. Entre tantas informações coletadas, ressaltamos as seguintes: 56% dessas mulheres são do Sudeste, 7% do Norte, 6% do Sul, 8% do Centro-Oeste e 24% do Nordeste.

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

A pesquisa nos mostra que 62% das mulheres negras entrevistadas, que também são ativistas, afirmaram atuar diretamente em alguma ação de combate a Covid-19 e seus impactos: 43,7% dessas mulheres negras atuaram na arrecadação e distribuição de cestas básicas, 51,4% na conscientização da população e 34,3% na mobilização de recursos.

Estamos falando da base da pirâmide social brasileira se movimentando para garantir a saúde alimentar de suas comunidades durante uma pandemia, atuando na chamada linha de frente, se expondo ao vírus para tentar amenizar o terror de quem estava na mira da morte, ou por COVID-19 ou pela fome. Atitude que ocorre exatamente no mesmo momento em que mulheres negras defensoras dos direitos humanos estão na mira do neofascismo que se instalou no Brasil, que se intensificou durante as eleições de 2020, com casos de violência política de gênero e raça. As mulheres negras eleitas são as que mais estão sofrendo ameaças de morte e ataques racistas e machistas durante o exercício de seus mandatos.

Junto com a pandemia, a crise econômica que já existia se intensificou. Com ela, também se intensificaram os casos de desemprego, fome e falta de acesso à moradia. Como salvar a economia com uma população desempregada e sem que o Estado faça o seu papel de oferecer um auxílio emergencial justo e digno diante de um cenário de barbárie? Essa é a “loucura da razão econômica”. Como disse Harvey, “pessoas desempregadas e que acabaram de sofrer uma execução hipotecária não saem por aí comprando coisas” (2018, p. 180).

Com milhões de pessoas desempregadas, principalmente pelo fato de o país ter passado, recentemente, por uma reforma trabalhista que retirou direitos e impulsionou a classe trabalhadora a acreditar na possibilidade de ser “empresária de si”, que com trabalho informal se vê sem direitos trabalhistas e também sem a possibilidade de gerir a miséria que se intensificou com as restrições impostas pela pandemia, sem um auxílio emergencial que seja capaz de atender o básico para uma vida digna, como movimentar a economia? Empurrando essas pessoas para a morte por Covid-19 ou pela fome?

Um Estado que atua com política genocida não pode ser considerado um Estado Democrático. Estamos, assim, vivendo um cenário pós-democrático. Se antes tínhamos SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

uma democracia de baixa intensidade, atualmente vivemos a pós-democracia. O Brasil Pós-Democrático, que atua em prol das classes econômicas dominantes, está instrumentalizando um vírus para cumprir seu papel genocida de eliminar parte da população. Nesse sentido, aqui devemos citar Casara quando fala da gestão dos indesejáveis num cenário neoliberal:

O Estado Pós-Democrático é, portanto, um Estado cada vez mais forte para atender ao Mercado e satisfazer aos fins desejados pelos detentores do poder econômico. Fins que, por exemplo, incluem o controle e/ou eliminação da parcela da população que não interessa ao mercado: os indesejáveis (os pobres e os inimigos políticos do projeto neoliberal) através da agência policial e da agência judicial. O funcionamento “normal” do Estado Pós-Democrático leva ao aumento da violência estrutural, à destruição da natureza e ao caos urbano: todos os fenômenos percebidos como oportunidades de negócios (2020, p. 19)

Essa é a racionalidade do neoliberalismo, tema também exposto por Casara (2021) ao tratar do Estado Pós-Democrático, que também contamina as pessoas, que passam a naturalizar a barbárie. Isso é o que estamos assistindo hoje, mas algo semelhante foi abordado por Césaire ao criticar a forma como a burguesia se comportou diante do nazismo de Hitler:

Surpresa e indignação. E as pessoas dizem: “Que estranho! Mas, ah! É o nazismo, vai passar! E esperam; se mantém caladas diante da verdade: que é a barbárie, mas a barbárie suprema, aquilo que coroa, aquilo que resume o caráter cotidiano das barbáries; que é o nazismo, sim, mas que antes de serem suas vítimas, foram cúmplices; que esse nazismo, toleraram antes de sofrê-lo; absolveram-no, fecharam seus olhos e o legitimaram, porque, até então, havia sido aplicado apenas a povos não europeus; cultivaram esse nazismo, ele é sua responsabilidade; e ele gotejava, escorria, penetrava antes de engolir em suas águas avermelhadas, por todas as fendas, a civilização ocidental cristã (2020, p. 18).

E Césaire foi ainda mais profundo ao dizer que “No fundo do capitalismo, ansioso por sobreviver, há Hitler. No fundo do humanismo e da renúncia filosófica, há Hitler” (2020, p. 19).

Do mesmo modo Mbembe, ao tratar do que cunhou como necropolítica, também não deixou de reforçar que “o que se testemunha na Segunda Guerra Mundial é a

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

extensão dos métodos anteriormente reservados aos ‘selvagens’ aos povos ‘civilizados’ da Europa” (2018, p. 32).

E nadando contra a corrente da naturalização da barbárie, como tem acontecido com a naturalização da fome no nosso país, estão iniciativas como a realizada pela Central Única das Favelas – CUFA, que através de seu presidente nacional, Preto Zezé, articulou uma grande campanha para conseguir recursos para compras de cestas básicas, itens de higiene, além de outros itens para atender mais de cinco mil favelas e territórios em situação de vulnerabilidade no Brasil. A campanha da CUFA arrecadou R\$ 170 milhões de reais em doações (MARI, 2021).

É relevante ressaltar que essa ação foi direcionada para atender exatamente grupos historicamente marginalizados e que foram empurrados para a informalidade, sem direitos trabalhistas, desassistidos pelo Estado que deveria assumir a completa responsabilidade por essas vidas, principalmente num cenário de pandemia.

O próprio presidente da CUFA afirma, em entrevista para a Revista Forbes, que a entidade, com mais de duas décadas de atuação em favelas, jamais tinha executado esse tipo de ação, de pedir dinheiro ou alimentos. Ele alerta para o fato de que a matriz econômica das favelas ter sido alterada durante a pandemia exatamente porque sua base é predominantemente fundada na informalidade. Boa parte daqueles que fazem parte das classes sociais dominantes estão doando para iniciativas louváveis como a da CUFA.

Acontece que a grande maioria dos que fazem parte das classes dominantes são os mesmos que se manifestam contra as políticas públicas de inclusão social e racial. Querem fazer caridade, mas não aceitam a justiça social como política de Estado para garantir direitos aos grupos historicamente marginalizados.

A população carcerária sob a mira da Rainha dos Baixinhos

Maria da Graça Xuxa Meneghel, do alto do seu privilégio de raça e classe, lançando mão de seu veganismo liberal, sugeriu, em entrevista, que as vacinas fossem testadas em pessoas encarceradas, alegando que já que “erraram”, já que ficariam presas “para sempre”, que servissem para alguma coisa. Isso nos faz lembrar que Hitler era

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

vegetariano, amava os animais e manifestava total desprezo por seres humanos que estivessem fora da categoria ariana.

Após gerar grande polêmica, Xuxa foi informada que a população carcerária no Brasil tem cor. O que aqui pretendemos fazer constar é a declaração de Xuxa como um dos exemplos da banalização do mal que tomou conta do Brasil ao ponto de não existir sequer o menor constrangimento de expor um pensamento tão bárbaro como esse para milhares de pessoas na internet, em que pese estejamos falando de um país fundado na escravidão negra e com forte tradição autoritária.

Ademais, a branquitude acrítica de Xuxa fez com que ela tivesse certeza de que todas as pessoas encarceradas já foram julgadas e são essencialmente más. No entanto, a maioria da população carcerária no Brasil ainda não foi julgada, já que no nosso Estado Pós-Democrático o princípio constitucional da presunção de inocência tem sido afastado há décadas nos julgados proferidos por nossos magistrados, já moldados pela racionalidade neoliberal, atuando em prol dos detentores do poder econômico e tratando de dar um destino de privação de liberdade para aqueles considerados indesejáveis pelo sistema.

Por isso, a população carcerária também não poderia deixar de ser abordada como aquela que está sendo submetida à instrumentalização do vírus pela política de morte no Brasil neoliberal que deseja se livrar dos indesejáveis do sistema.

Não podemos esquecer das imagens de homens encarcerados infectados pela Covid-19 e gemendo sem ar no corredor de uma penitenciária em Petrolina/PE (G1 PETROLINA, 2020). Cenas de horror que jamais imaginamos ser possíveis fora dos livros de distopia.

A respeito do tema, cabe citar Davis, filósofa, feminista, antirracista e abolicionista penal:

Assim como dizemos “nunca mais” ao fascismo que produziu o Holocausto, deveríamos dizer “nunca mais” ao apartheid da África do Sul e do Sul dos Estados Unidos. Isso significa, acima de tudo, que teremos de expandir e aprofundar nossa solidariedade às pessoas da Palestina. Pessoas de todos os gêneros e de todas as sexualidades.

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Pessoas que estão dentro e fora dos muros das prisões, dentro e fora do muro do apartheid (2018, p. 64).

Não obstante a declaração racista, para dizer o mínimo, diante dos protestos nas redes sociais desaprovando tal conduta, Xuxa pediu desculpas. Amparada pela branquitude que carrega, que é um poder simbólico, saiu imune. Mas com seu posicionamento, Xuxa se enquadrou no que o professor Cardoso chama de branquitude acrítica. Vejamos:

De modo geral, os brancos antirracistas exemplificam a branquitude crítica. Enquanto brancos de pensamentos e/ou pertencentes a grupos de ultradireita, os integrantes dos grupos neonazistas, membros da “neo”-Ku Klux Klan, outros brancos que comungam com o ideal da superioridade racial, mesmo em silêncio, são exemplos de branquitude acrítica. Enfim, todos aqueles que não desaprovam o pensamento e as práticas racistas. (2017, p. 33)

Não podemos afirmar que a branquitude acrítica tem algum interesse em tomar ciência das pesquisas que apontam o encarceramento como uma nova segregação. No entanto, pelo menos a branquitude crítica, aquela que se acredita antirracista, precisa conhecer a história do encarceramento em massa, para entender porque esse fenômeno acontece e se perpetua também como barbárie e como as pessoas encarceradas, detentoras de direitos - como o direito à vida, que é inalienável -, num país em que a pena de morte é vedada, estão sendo atingidas pela necropolítica intensificada na pandemia, principalmente pela superlotação das penitenciárias que impossibilitam o isolamento social e práticas de higiene que estão sendo recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e que todo ser humano deve ter garantido o direito de praticar.

O encarceramento em massa é fruto de uma farsa chamada “guerra às drogas”, que nos EUA, por exemplo, foi implementada em 1982, no governo do presidente Ronald Reagan. Como nos alerta Alexander (2017), após a farsa da “guerra às drogas”, “coincidentalmente” e com tamanha velocidade, o crack se espalhou exatamente em bairros de Los Angeles, onde habitavam negros e pobres. Com a pirotecnia da mídia

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

aconteceu a demonização e criminalização do que se tratava de caso de saúde pública, não de segurança pública.

Notadamente, foi mais uma forma encontrada pelas classes dominantes e pela política neoliberal de criminalizar a pobreza e os negros estadunidenses, da mesma forma como aconteceu e acontece no Brasil.

Já naquela época surgiram teorias da conspiração sobre se tratar de um plano genocida e Alexander ressalta que:

Embora as teorias da conspiração tenham sido inicialmente desconsideradas por serem vistas como excessivamente artificiais e afetadas, quando não como loucura pura e simples, a voz das ruas revelou estar certa, ao menos em um ponto. A CIA admitiu em 1989 que os exércitos de guerrilha que ela apoiava ativamente na Nicarágua estavam traficando drogas ilegais para os Estados Unidos – drogas que estavam ganhando as ruas dos bairros negros centrais sob forma de crack. A CIA também admitiu que, no meio da Guerra às Drogas, bloqueou esforços de investigação das redes de drogas ilegais que estavam ajudando a financiar sua guerra secreta na Nicarágua (2017, p. 41).

Isso significa que o próprio Estado disseminou o uso de drogas nos bairros negros e pobres, que sabemos historicamente jogados à margem naquele país, como aqui no Brasil. Encarcerar significa “tirar de jogo” os indesejáveis. Faz parte da racionalidade atrelada a política neoliberal, que por esse motivo não deve ser entendida “apenas” como uma política puramente econômica. É, também, uma política de morte que tem sido turbinada pela pandemia.

Neoliberalismo, neofascismo e genocídio na pandemia

“A humanidade não cabe mais nos cálculos da economia”, aponta Menegat (2019). Para se aprofundar nisto, é importante uma breve explicação do neofascismo, do neoliberalismo e do genocídio, além de como eles dialogam com a Covid-19 numa política macabra de morte que coloca o Brasil atual como um país genocida que já matou mais de 390 mil pessoas com a instrumentalização de um vírus.

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

O neoliberalismo, como nos ensina Dardot e Laval (2016), surgiu como uma resposta ao modo de governo liberal, objetivando a superação das crises do capitalismo. Os adeptos de tal política até admitem que o Estado seja um interventor, mas não aceitam que exista limites no jogo da concorrência entre interesses privados.

Dardot e Laval (2016) dizem que

O neoliberalismo combina a reabilitação da intervenção pública com uma concepção do mercado centrada na concorrência, cuja fonte, como vimos, encontra-se no spencismo da segunda metade do século XIX. Ele prolonga a virada que deslocou o eixo do liberalismo, fazendo da concorrência o princípio central da vida social e individual, mas, em oposição à fobia spenciana de Estado, reconhece que a ordem de mercado não é um dado da natureza, mas um produto artificial de uma história e de uma construção política (p. 69-70)

Importante ressaltar que, de acordo com a crítica da economia política da barbárie, de Menegat (2019), o capitalismo não tem condições de se livrar de suas crises, porque ele é a própria crise. É matando aqueles considerados perdedores do jogo da concorrência que o capitalismo tem insistido em permanecer vivo.

Diante dessa premissa, entendemos como o neoliberalismo dialoga com a necropolítica conceituada por Mbembe como “formas de subjugar a vida ao poder da morte” (2018, p. 71). São várias essas formas de subjugar a vida ao poder da morte que é variante em determinados períodos históricos, determinados territórios e determinados imaginários sociais, como acontece no Brasil com o genocídio do povo negro através da violência de Estado e o encarceramento em massa, que são naturalizados pelo imaginário social racista brasileiro.

O holocausto judeu foi uma política de morte apoiada pelo fascismo de Mussolini. E o holocausto aconteceu já como uma das políticas de morte para salvar a economia, assim como a própria guerra. Na Europa da Segunda Guerra Mundial, os indesejáveis que deveriam ser eliminados eram os judeus; no Brasil são os pobres, majoritariamente negros, considerando que no Brasil classe tem cor, como nos ensina Carneiro (2011).

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

São essas pessoas as maiores vítimas (VINÃS; DURAN; CARVALHO, 2020) da instrumentalização da Covid-19 no Brasil como política neoliberal de morte para acelerar um processo que já estava em curso.

A respeito do fascismo, nos ensina Tiburi (2020):

O fascismo é sempre uma ideologia e uma tecnologia política que se imiscui na vida cotidiana e, por movimentos diversos, atinge pessoas comuns, grupos e pode chegar aos governos e Estados, produzindo morte e destruição em massa, como aconteceu na Alemanha no século XX e como vem acontecendo em vários países do mundo e, sobretudo, no Brasil. (p. 33)

A política neoliberal de morte entende mais fácil permitir que milhões de pessoas morram sob a alegação de uma pandemia, “coisa da natureza”, negligenciando no controle da disseminação do vírus e na vacinação em massa da população, do que comprar um desgaste político por uma reforma da previdência, por exemplo.

Tiburi (2021) elabora bem essa conexão do neoliberalismo como a política de morte que coloca a economia como prioridade em detrimento de vidas humanas, como tem sido o lema do atual governo que discursa contra o lockdown, que se implementado salvaria milhares de vidas. A autora nos diz o seguinte:

Capitalismo se tornou o nome de uma visão de mundo em que tudo se torna inessencial em relação à “forma mercadoria”, segundo a qual tudo pode ser comprado e vendido. Nessa visão de mundo, o pensamento está minado pela lógica do “rendimento”. Viver torna-se uma questão apenas econômica. A economia torna-se uma forma de vida administrada com regras próprias, tais como o consumo, o endividamento pessoal, a segurança pela qual se pode pagar. Tudo isso é sistêmico e, ao mesmo tempo, algo histórico. O neoliberalismo é o capitalismo em estado de histeria. (2021, p. 151)

O cenário brasileiro atual pode ser lido como neofascista por não ser especificamente o fascismo italiano de Mussolini. Trata-se de um fenômeno que é considerado atual, apoiado na necropolítica neoliberal que já estava em vigor há décadas e que, na pandemia, se intensifica com a instrumentalização de um vírus que não escolhe raça, gênero e classe, mas sabemos quem são os desprovidos de condições de acesso a um sistema de saúde capaz de dar conta de uma pandemia descontrolada por negligência.

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

Para além do sucateamento histórico do Sistema Único de Saúde (SUS), o sistema de saúde privado também está colapsado. A classe média, que se sentia mais próxima das elites do que dos pobres, está morrendo em hospitais particulares por falta de recursos, de leitos, de ambulâncias, de oxigênio, quando já defenderam o fim do SUS acreditando serem detentoras exclusivas do direito à saúde e à vida que achavam que sempre poderiam comprar.

Suportando 30 dias de internação num hospital particular está o ator Paulo Gustavo, já com pulmão artificial, mas arcando com 30 mil reais por dia (MARTINS, 2021), um custo que a classe média ressentida com as políticas de combate a desigualdade social não tem condições de pagar e, por isso, está morrendo. Também com um tipo de tratamento que não é mais oferecido pelo SUS.

Ainda com a lupa de Tiburi (2021) a respeito do fascismo (ou neofascismo), ela vai além e cria conceitos como turbotecnomachonazifascismo, “esse tipo de fenômeno é um sintoma de uma sociedade que é capaz de criar sua própria autoaniquilação. Trata-se, portanto, de lutar contra a autoaniquilação como tendência generalizada” (p. 35).

Conclusão: a carência por uma democracia radical

Eco (2018) fala a respeito das características do fascismo, que podem ser tantas, mas nos chama a atenção para o que ele chama de “Ur-fascismo” ou “fascismo eterno”. São 14 características que, infelizmente, não cabem no presente ensaio, mas entre elas algumas não podemos deixar de citar uma vez que dialogam diretamente com o que abordamos aqui: o apelo às classes médias frustradas, aquelas que no âmbito do Brasil aceitam fazer caridade na pandemia doando cestas básicas, mas são contra as políticas de combate à desigualdade social e racial, porque não aceitam a ideia de igualdade de fato. A mesma classe média que brada contra o SUS mesmo estando agora vivenciando o colapso do sistema de saúde também na iniciativa privada.

Outra característica que não podemos deixar de citar é o elitismo que despreza aqueles que são vistos como perdedores do jogo da concorrência imposto pelo capitalismo, reforçado com a racionalidade neoliberal. Essa mesma elite que apoia e

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

aplaude políticas de austeridade que colocam a população mais pobre e mais vulnerável à fome, à doenças, à falta de moradia, sem direito ao reconhecimento de sua dignidade humana. Características que dialogam com o antipetismo, motivo pelo qual deve ser evitado, pelo menos por aqueles que se acreditam antifascistas, porque caso contrário seria, no mínimo, uma contradição.

Tiburi (2021) salienta que “o fascismo continuará sendo eterno se não transformarmos as condições nas quais ele se desenvolve” (p. 179). A autora também defende a abertura de espaço para o diálogo, combatendo o discurso de ódio que está em cena. Com isso, Tiburi propõe reflexões para que nossos esforços sejam voltados para a retomada de uma democracia perdida, a qual ela logo em seguida reconhece que nunca existiu de fato.

Essa democracia que nunca existiu é sobre a vivência da população negra e pobre, que agora na pandemia está morrendo 40% a mais que a população branca, como já mencionado anteriormente.

A filósofa propõe a transformação das instituições em lugares onde exista a experiência democrática, que é aquela que nunca experimentamos de fato no Brasil, já que os grupos historicamente marginalizados nunca puderam estar proporcionalmente representados nos espaços de poder de onde saem as decisões que impactam diretamente suas vidas, porque estiveram sempre socialmente e racialmente excluídos.

Nesse ponto, entramos no conceito de democracia radical que Mouffe (2018) esclarece ser um tipo de radicalização dos princípios éticos-políticos do próprio regime democrático liberal, que seria liberdade e igualdade para todos e todas.

O que Mouffe propõe como democracia radical não é sobre um rompimento com a democracia liberal, tese que ela informa ser criticada pela esquerda que não acredita numa sociedade mais justa sem renunciar às instituições democrático-liberais.

No atual cenário político brasileiro, a nossa hipótese é a de que a tese de democracia radical de Mouffe (2018) seja uma saída possível da barbárie extrema. Porém, não podemos deixar de frisar o que Zizek (2020) disse sobre estarmos diante de escolhas radicais porque

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

O pânico no qual nos encontramos atesta o fato de que há uma espécie de progresso ético ocorrendo, por mais hipócrita que seja: não estamos mais dispostos a aceitar pestes como nosso destino. É aqui que entra meu “comunismo”, que não é nenhum sonho obscuro, mas simplesmente um nome para o que já está acontecendo (ou ao menos sendo percebido por muitos como uma necessidade), para medidas que já estão sendo consideradas e até mesmo, em parte, aplicadas (p. 103).

Obviamente, como ele está falando de atuação do Estado, não é sobre o Brasil, que continua com um governo que aposta na pandemia para o aprofundamento da barbárie, do caos e do colapso para salvar a economia em detrimento de vidas.

Para quem tem consciência de classe, raça, gênero e está em pânico, fica um trecho de “A gente combinamos de não morrer”, de Evaristo: “Se ao menos o medo me fizesse recuar, pelo contrário, avanço mais e mais na mesma proporção desse medo. É como se o medo fosse uma coragem ao contrário. Medo, coragem, medo, coragemedo, coragemedo de dor e pânico”. (p. 100)

Referências bibliográficas

A ESCOLHA de Sofia (filme). In: WIKIPEDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2010. Disponível em: < [https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Escolha_de_Sofia_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/A_Escolha_de_Sofia_(filme)) >. Acesso em: 01 abr. 2021.

AGÊNCIA BRASIL. Pesquisa: cepa do Amazonas do coronavírus gera mais carga viral. Isto é Dinheiro. 2021. Disponível em: <<https://www.istoedinheiro.com.br/pesquisa-cepa-do-amazonas-do-coronavirus-gera-mais-carga-viral/>>. Acesso em 01 abr. 2021.

ALEXANDER, Michelle. A nova segregação: racismo e encarceramento em massa. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

CARDOSO, L.; MULLER, T.M.P (org.). Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. 1. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASARA, Rubens. Bolsonaro: o mito e o sintoma. 1. ed. São Paulo: Contracorrente, 2020.

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. 1. ed. São Paulo: Veneta, 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIS, Angela. A liberdade é uma luta constante. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

ECO, Umberto. O fascismo eterno. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

EDITORA Curioso. Pandemias pela história: como as pandemias sumiram e suas consequências. 2020.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

FERRAREZE FILHO, Paulo. Curso de psicologia do direito. 1. ed. São Paulo: Tirant Lo Blanch, 2021.

G1 PETROLINA. Vídeo mostra presos com a covid-19 deitados em corredor da penitenciária de Petrolina, PE. G1 Globo. 2020. Disponível em: < <https://g1.globo.com/pe/petrolina-regiao/noticia/2020/06/27/video-mostra-presos-com-a-covid-19-deitados-em-corredor-da-penitenciaria-de-petrolina-pe.ghtml> >. Acesso em: 01 abr. 2021.

HARVEY, David. A loucura da razão econômica: Marc e o capital no século XXI. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

INSTITUTO MARIELLE FRANCO; MULHERES NEGRAS DECIDEM. Para onde vamos. 2020. Disponível em: < <https://www.paraondevamos.org/> >. Acesso em: 01 abr. 2021.

MARI, Angelica. Preto Zezé, da CUFA, fala sobre economia digital: “chegou a hora de sistematizar a inteligência da favela”. Forbes. 2021. Disponível em: < <https://forbes.com.br/forbes-tech/2021/01/preto-zeze-da-cufa-fala-sobre-economia-digital-chegou-a-hora-de-sistematizar-a-inteligencia-da-favela/> >. Acesso em 01 abr. 2021.

MARTINS, Thays. Tratamento de Paulo Gustavo custa 30 mil reais por dia e não é mais ofertado pelo SUS. Correio Braziliense. 2021. Disponível em: < <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2021/04/4916209-tratamento-de-paulo-gustavo-custa-rs-30-mil-por-dia-e-nao-e-mais-ofertado-pelo-sus.html> >. Acesso em: 01 abr. 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 1. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MENEGAT, Marildo. A crítica do capitalismo em tempos de catástrofe: o giro dos ponteiros do relógio no pulso de um morto. 1. ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2019.

MOUFFE, Chantal. Por um populismo de esquerda. 1. ed. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

TIBURI, Marcia. Como derrotar o turbotecnocracismo: ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM. O que é genocídio?. Enciclopédia do holocausto. Disponível em: < <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/what-is->

SANTOS; Laura Astrolábio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.

genocide#:~:text=Em%201944%2C%20Raphael%20Lemkin%20(1900,com%20a%20p
alavra%20latina%20%2Dc%3%ADdio >. Acesso em: 01 abr. 2021.

VINÃS, Diego; DURAN, Pedro; CARVALHO, Julia. Morrem 40% mais negros que brancos por coronavírus no Brasil. CNN Brasil Saúde. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2020/06/05/negros-morrem-40-mais-que-brancos-por-coronavirus-no-brasil>>. Acesso em 01 abr. 2021.

ZIZEK, Slavoj. Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

SANTOS; Laura Astrolabio dos. **A instrumentalização da COVID-19 pela política de morte existente no neoliberalismo: estamos todos e todas no mesmo barco?**. METAXY: Revista Brasileira de Cultura e Políticas em Direitos Humanos, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 159-175, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy>.